



## TRABALHO E EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO TIPOGRÁFICA BAIANA

Humberto Santos de Andrade  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)  
Endereço eletrônico: 2022f0026@uesb.edu.br

Ana Elizabeth Santos Alves  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)  
Endereço eletrônico: ana\_alves183@hotmail.com

2848

### INTRODUÇÃO

Este texto caracteriza-se como um esboço de pesquisa na tentativa de compreender as motivações, experiências e soluções forjadas por trabalhadores do ramo gráfico na Salvador do final do século XIX e início do século XX, com o objetivo de empreenderem esforços não somente no sentido da agregação dos companheiros de ofício, mas de proporcionar oportunidades de educação e, conseqüentemente, uma melhor condição de vida material bem como espiritual.

Trata-se, precisamente, de lançar luz sobre o caso da Associação Tipográfica Baiana, a ATB, sociedade de socorros mútuos existente na capital do Estado até quase meados do século passado. Investigar as ações desses trabalhadores - no sentido de propiciarem instrução aos seus camaradas - poderá lançar um novo olhar sobre a relação trabalho-educação no contexto da então nascente república brasileira.

### METODOLOGIA

Do ponto de vista teórico-metodológico, esta investigação fundamenta-se no materialismo histórico. Categorias de análise como trabalho, classe e consciência de classe orientam e orientarão a feitura da pesquisa.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trazer à luz essa experiência dos tipógrafos baianos torna-se ainda mais relevante, sobretudo em razão da condição da sociedade brasileira à época e as estruturas que a tornavam uma configuração social ao mesmo tempo integrada no mundo ocidental, mas também com peculiaridades que a faziam distinta de muitas outras formações sociais com influência européia. A título de exemplo, e no que tange a



um dos campos de discussão aqui proposto - ou seja, o trabalho -, é importante lembrar que até o ano de 1888 o Brasil era uma nação escravista.

Não obstante, o trabalho livre compunha boa parte da mão-de-obra, principalmente a partir de meados do século XIX. Eminentemente em razão dos óbices legais, nacionais e internacionais, que dificultavam o tráfico negreiro nas águas do Atlântico. Tal configuração social e econômica conferia insígnias peculiares à realidade brasileira.

Como afirmou Edward Palmer Thompson,

[...] a explicação histórica não revela como a história *deveria* ter se processado, mas sim porque se processou de uma dada maneira, e não de outra; ela revela que o processo não é arbitrário, mas tem sua regularidade e racionalidade próprias, que certos tipos de eventos (políticos, econômicos, culturais) não se relacionam de alguma maneira de nosso agrado, mas de maneiras particulares e no âmbito de determinados campos de possibilidade; que determinadas formações sociais não obedecem a uma ‘lei’, nem são ‘efeitos’ de um teorema estrutural estático, caracterizando-se antes por determinadas relações e uma lógica particular de processo (THOMPSON, 2021, p. 89-90).

A partir dessa perspectiva, pretende-se compreender o fenômeno histórico e social relacionado ao trabalho e à educação que se delineou nas práticas associativas daqueles trabalhadores do ramo da imprensa, num país com as características aventadas anteriormente e, precisamente, numa cidade que, apesar de ser a “rainha viúva”<sup>1</sup>, ostentava importante papel na economia brasileira.

Compreender tal fenômeno pressupõe tentar tornar inteligíveis as relações entre esses indivíduos, a forma de organização adotada, os ideários que perpassavam o seu universo mental, a influência do mercado na determinação e condicionamento dos seus lugares na hierarquia social, as expectativas em relação às condições objetivas de existência, a percepção da “classe” na estrutura social e sua relação com outras classes, bem como um possível papel transformador da realidade nos quadros do que se apresentava como possível e desejado.

Para tanto, o que se tem de evidência são as memórias legadas ao futuro por meio de dois conjuntos documentais: os periódicos publicados pela associação e os relatórios de exercício anuais. No conjunto dos periódicos tem-se a Revista da Associação Tipográfica e o Boletim Gráfico. Nestes, sobretudo, encontram-se

<sup>1</sup> Cf. ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 230.



elementos que podem subsidiar a reconstrução histórica do que aqueles trabalhadores ansiavam e suas ações ao longo do tempo. Nos relatórios, percebe-se tanto o que tange ao funcionamento ordinário da associação quanto às decisões tomadas e seus encaminhamentos a cada ano.

A educação, desde os primeiros tempos da ATB, esteve entre os objetivos da entidade, que despendeu vários esforços para concretizá-lo. Desde o discurso de Joaquim Cassiano Hyppolito, por ocasião da fundação da sociedade, até a materialização do intento de se oferecerem aulas e de se organizar uma escola da Tipográfica, passaram-se mais de quarenta anos.

Outro objetivo, relacionado à educação, foi o da criação de uma biblioteca, como atestam os resumos dos relatórios de exercícios, referente ao século XIX, sem, contudo, lograrem êxito, sobretudo em função das dificuldades de constituição de um acervo próprio. Há indicação de que a primeira “instalação” da biblioteca ocorreu no exercício de 1881-1882,<sup>2</sup> uma biblioteca modesta, com títulos voltados aos interesses técnicos e humanísticos da entidade. No exercício subsequente (1882-1883), a diretoria tentou dar corpo à biblioteca: “Foi nosso maior empenho engrandecer a biblioteca da sociedade; mas foram baldados todos os esforços que empregamos, pois muito poucas foram as ofertas de livros que obtivemos”<sup>3</sup>. O problema ainda persistia no exercício 1901-1902, como registrou Prudencio de Carvalho, que se referiu a mais uma tentativa, também sem sucesso, “a despeito da Diretoria ter-se dirigido a diversos homens de letras”<sup>4</sup>.

Foi somente em 1905 que o sonho realizou-se e, para os anos 1911 e 1912, anunciava-se que a biblioteca estava em franco progresso, pois dia a dia aumentava o seu acervo, com doações e aquisições de novos volumes, tanto que se registrou a marca de 1516 visitantes, com retirada de 225 obras pelos sócios<sup>5</sup>. Agora, já se podia considerar superadas as dificuldades, como se registrou no relatório:

Este insucesso [na instalação da biblioteca] deu em resultado que as diretorias subsequentes desanimassem com o caso.

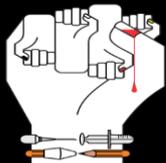
Em 1903, entretanto, exercendo o cargo de tesoureiro o que ora a presidira, diz o relatório respectivo, tomou a si o encargo de organizar a nossa biblioteca e os livros que ela possuía completamente estragados, bem como outros em brochura, fê-los encadernar; reunindo aos que continha sua estante, conseguiu dar um princípio de organização à nossa biblioteca.

<sup>2</sup> Cf. *Revista da Associação Tipográfica Baiana*. Ano II, Bahia, setembro e outubro, 1903, n.ºs 15 e 16, p.176-7.

<sup>3</sup> Cf. *Revista da Associação Tipográfica Baiana*. Op. cit., p.177.

<sup>4</sup> Cf. *Revista da Associação Tipográfica Baiana*. Op. cit., p.188.

<sup>5</sup> Cf. *Relatório de Exercício (1910-1911) da Associação Tipográfica Baiana*. Bahia, 1911, p. 17.



Afinal em 1905, com um ativo de 450 volumes, foi inaugurada solenemente a nossa Biblioteca, ocupando o lugar de respectivo bibliotecário, no qual se conservou até 1910, o nosso consócio Prudencio de Carvalho. Daí por diante o seu cabedal foi progressivamente aumentando, já contando presentemente 1236 livros catalogados, competentemente encadernados e mais 92 volumes de jornais e obras diversos de grande formato também encadernados que ainda não puderam entrar em catálogo, afora muitos exemplares de brochuras e folhetos<sup>6</sup>

A biblioteca ocupava, na altura de 1912, “lugar saliente” entre os sócios, que usufruíam dos bens que ela podia proporcionar<sup>7</sup>. Segundo os diretores de 1912, não era tempo de “depor as armas” e “dormir a sombra dos louros colhidos”<sup>8</sup>. Continuava a advertência:

A nossa biblioteca, criada quase que a custa de livros oferecidos, bem vedes que não pode ter a organização compatível a seus fins, nem obedece a uma certa urdidura.

É mister que se a complete com o que lhe falta, e bem reconheceis que não se obterá isto com as generosas ofertas que tem tido e continua a ter.

Anualmente precisamos despende uma verba destinada a este fim e naturalmente da subvenção que estamos usufruindo do governo federal, devemos tirar uma parte para seu aumento<sup>9</sup>.

Assim, a despeito do que já fora alcançado, era preciso perseverar na luta. O fato é que, a julgar pelos dados apresentados, o espaço da biblioteca era bastante visitado e por volta de 1912 recebeu 1198 pessoas, foram retiradas 315 obras “em 196 dias de funcionamento”<sup>10</sup>. Nesse mesmo ano, o diretor da Repartição de Estatística Federal solicitou, por meio de telegrama, informação sobre o acervo da biblioteca, o que indica que indicava certa importância ao ponto de chamar a atenção das autoridades. Na resposta remetida à autoridade, informou-se que havia, em 1907, 700 volumes, que passaram a 990 no ano seguinte e atingiram 1177 em 1910<sup>11</sup>.

A biblioteca ainda estava em funcionamento no ano de 1924, ainda que com visitação mais modesta – 600 pessoas e a retirada de 112 obras. Registrou-se a visita de alguns jornais baianos, indício de certo prestígio social: *A Paz*, de Santo Amaro; *Pequeno Jornal*, de Cachoeira; *Correio de Alagoinhas*, de Alagoinhas; *a Voz do Operário*, de Sergipe; *Revista Eclesiástica*, da Bahia; *O Exportador Americano*, de New

<sup>6</sup> Cf. *Relatório de Exercício (1911-1912) da Associação Tipográfica Baiana*. Bahia, 1912, p. 18.

<sup>7</sup> Cf. *Relatório de Exercício (1911-1912) da Associação Tipográfica Baiana*. Bahia, 1912, p. 18.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Ibid.



York; *O Phanal*, da Bahia; *El arte tipográfica*, de New York; *A Plebe*, de São Paulo; *Diário Oficial*, da Bahia<sup>12</sup>.

## CONCLUSÕES

Eis, por fim, uma pequena amostra da produção auferida pela Associação Tipográfica Baiana no intuito de instruir seus sócios e parte da sociedade sotropolitana.

Este pequeno excuro, sobre a experiência operária na Salvador da passagem de século, evidencia tanto a importância quanto a necessidade de se pesquisar as trajetórias de profissões e, conseqüentemente, a atuação de seus membros e instituições no sentido de mitigar os reveses infligidos pelas adversidades. A atuação da Associação Tipográfica Baiana representa um desses casos, em que a ação de trabalhadores de um ofício marca um lugar e um momento na história do trabalho no Brasil bem como a constituição do seu legado na construção da memória operária na Bahia.

2852

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho. Educação. Classe operária. Tipógrafos. Imprensa.

## REFERÊNCIAS

*Relatório de Exercício (1910-1911) da Associação Tipográfica Baiana*. Bahia, 1911.

*Relatório de Exercício (1911-1912) da Associação Tipográfica Baiana*. Bahia, 1912.

*Relatório de Exercício de 1924 da Associação Tipográfica Baiana*. Bahia – Tipografia América: 1925.

*Revista da Associação Tipográfica Baiana*. Ano II, Bahia, setembro e outubro, 1903, nºs 15 e 16.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria e outros ensaios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

<sup>12</sup> Cf. *Relatório de Exercício de 1924 da Associação Tipográfica Baiana*. Bahia – Tipografia América: 1925, p. 23.